

As artes e os ofícios

Olaria, cestaria, latoaria, tanoaria, artes em extinção pelo País que ainda subsistem no Concelho de Mafra. As feiras, especialmente a da Malveira, são bons lugares para as encontrar

Quando se fala do artesanato do Concelho de Mafra, a cerâmica surge como o seu máximo expoente. A actividade de barristas na região remonta a tempos pré-históricos, como se atesta por achados de fragmentos de cerâmica em escavações arqueológicas em várias zonas do concelho. No entanto, a primeira referência à indústria de cerâmica na região surge no foral dado por D. Nicolau Bispo de Silves aos moradores da Vila de Mafra, em 1189, no qual são referidos os oleiros e forneiros de "ollas" e telhas ali existentes.

Esta indústria receberia um apoio importante no século XVI, quando D. Manuel I, no foral novo concedido à Vila de Mafra em 1513, impunha a isenção do

pagamento do dízimo "nem outro nenhum dito de fornos de cozer louça qualquer que seja". No barro vermelho, que abunda na região, meteram mãos os oleiros de outrora para produzirem peças utilitárias como alguidares ou vasos. Com a introdução da roda de oleiro, começaram a fazer-se peças torneadas, como potes e jarras, e, já no século XIX, surge o figurado mafrense, de que é hoje maior representante José Franco (página 106).

Cozedura a lenha

Até ao século XX, o barro era cozido em fornos a lenha. Em 1938, Armando de Lucena descrevia, assim, uma viagem entre Mafra e Ericeira: "(...) até



O forno a lenha ainda é utilizado no concelho

que, aproximadamente a meio da viagem, vemos, no espaço, erguidas colunas de fumo negro, bastante espesso e abundante. Provém das olarias do Sobreiro, centro de cerâmica popular das cercanias de Lisboa, cuja produção vai às feiras dos arredores com o nome genérico de louça de Mafra". Com a introdução do forno a gás e mais tarde do eléctrico, que proporcionam cozedura mais rápida e uniforme, o forno a lenha caiu em desuso. No entanto, no Concelho de Mafra ainda há hoje quem continue a trabalhar com um forno destes, construído há 150 anos, "para peças de maior volume" - é disso exemplo o oleiro Jorge Ferreira, do lugar de Casa Nova, perto do Seixal. A loiça tradicional da região de Mafra surge do barro vermelho, apresenta vidrado verde ou transparente. Da louça branca (faiança), hoje comercializada em muitas olarias do concelho, não constam registos passados do seu fabrico nesta região.

O melhor construtor de móveis

No Livramento, freguesia da Azueira, trabalha o "melhor construtor de móveis do país", distinção atribuída a Firmino Adão Canhoto pelo Ministério para a Qualificação e Emprego. Aos 57 anos, este beirão vê assim reconhecido um percurso recheado de prémios, fruto do esforço e talento de quem, durante muitos anos, para ganhar a vida, teve de repartir o trabalho de restauro e conservação de mobiliário antigo, iniciado aos 18, com a venda de gelados numa praia de Sintra. Fabrica também peças da sua criação ou modelos fiéis aos de outrora, através de um processo semelhante ao praticado há 100 anos. Adão Canhoto utiliza como base do seu trabalho o pau-roxo, pau amarelo, pau santo, ébano, mogno castanho e casquinha, e nos embutidos o buxo, madre pérola, marfim, latão, recortados em máquinas de costura adaptadas para o efeito pelo próprio artesão.

No seu valioso currículo conta-se o "2º Prémio Nacional de Artesanato Tradicional", obtido em 1993, e o título de "mestre nº1 do mobiliário artístico português" atribuído em 1997 pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional. Representa Portugal em diversos certames internacionais, a convite da Câmara Municipal de Mafra ou do Instituto de Emprego e Formação Profissional, e o seu nome salta para as páginas da Imprensa em 1998, ao construir uma cama de estilo D. Maria para a filha mais velha dos Duques de Bragança.



Adão Canhoto trabalha a cama da filha dos Duques de Bragança



Barro vermelho a secar depois da primeira cozedura